







ANTÓNIO MATOS • LUÍS CRUZ • LUÍS NEUPARTH • RUI MATOS  
**QUATRO ESCULTORES CONTEMPORÂNEOS**

3/20 Junho 1988

Palácio Anjos — Algés  
Câmara Municipal de Oeiras



Um dos factores de inovação na arte portuguesa contemporânea é certamente a renovação da escultura, e para ela contribui a diferente atitude dos jovens artistas face às dificuldades inerentes ao processar desta arte. A saber: a carestia dos materiais utilizados; a dificuldade técnica de execução de peças que frequentemente requerem o auxílio de artífices; a difícil circulação comercial e outra das obras produzidas; a dificuldade de encontro de locais de trabalho e de armazenagem das peças. Outras razões se poderiam acrescentar a estas. Mas o importante é verificar que tantos obstáculos não têm desencorajado os artistas, e justo é também reconhecer que a escultura tem sido estimulada por empreendimentos como os Simpósios da Pedra, pelo exemplo de profissionalismo de João Cutileiro e pelo ensino empenhado em renovação e em investigação técnica de Clara Menéres.

Quatro jovens artistas expõem conjuntamente, confrontando obras que se complementam e desafiam. Um dos mais afirmados desses jovens é Rui Matos, que desde há cerca de dois anos vem consolidando uma linguagem pessoal e original, dentro da exploração da ardósia como material predominante, embora se não devam ignorar as suas obras realizadas em poliéster, obras de grande pujança e que se viram premiadas em certames nacionais. As peças presentes de Rui Matos retiram do material que as constitui uma grande suavidade textural. O artista sabe trabalhar o material para que este fique polido e sedoso, explorando essa qualidade expressiva de um material aparentemente rude. As peças de Rui Matos invocam longínquamente instrumentos africanos, mas o seu quase-funcionalismo não as desvirtua, antes produz uma autonomia plástica, por mais "conotativas" que estas peças possam parecer. Na série actual, alguma frontalidade pictural se observa; como se o artista negasse um pouco a "ronde-bosse" tipificadora do objecto escultórico e lhe fizesse calhar uma outra lógica expositiva, em que o negro da ardósia contrastasse com um fundo que o seu possuidor lhe pusesse.

António Matos, outro protagonista da "exploração da ardósia e também aluno de Clara Menéres, utiliza este material entendendo-o de modo mais conceptual: a ardósia no vocabulário do escultor deve ser entendida sobretudo como a cor negra, com todo o seu peso simbólico: o luto, a morte, quiçá a própria negritude. É esta matéria que António Matos faz contrastar com o branco do mármore, uma complementaridade em que o jogar com diversos materiais é importante. Aliás, a necessidade de experimentação deve ser relacionada com a fase actual da nova escultura: a necessidade de explorar novos e várias situações fazem parte de um processo de crescimento e afirmação de linguagem. Em António Matos a postura intelectual e o cumprimento de uma pré-determinação são a explicação da sua obra.

Luís Neuparth apresenta duas obras que tendem a ser mais directamente relacionadas com a recriação de uma funcionalidade, seja ela simbólica ou arquitectónica. Partilhando uma estética da fragmentação comum a Pedro Croft é através da justaposição de elementos que a obra se constitui, manifestando uma evidente experiência da arte oriental, no seu contacto com o Japão.

O quarto artista desta mostra é Luís Cruz, um jovem que também utiliza a ardósia. Nas peças expostas verificamos ainda uma outra potencialidade deste material que é trabalhado como se de metal ou de ferro se tratasse, numa invocação evidente de certas estruturas Minimal. O artista revela a procura de uma essencialidade no uso de elementos de ardósia que como dinamizam o espaço que é atravessado por *largos traços negros*.

Maio de 1988

Sílvia Chicó

